

**Saudação a Cristo Redentor na carta de 1898  
do Arcebispo primaz do Brasil D. Jerônimo Thomé da Silva.**

ANTÔNIO LINDVALDO SOUSA (\*)  
UFS- doutor em História.

Este texto tem como objetivo apresentar uma leitura da leitura que Jerônimo Thomé da Silva fez de como deveria ser a saudação a Cristo Redentor na carta pastoral publicada em 1898 com o seguinte título: *Sobre a homenagem solene a Jesus Cristo Redentor e ao seu augusto Vigário na terra ao findar o século XIX e ao começar o século XX.*

Nos seus textos encontraremos um ‘sujeito histórico’ em relação constante com as suas condições de possibilidade no seu tempo, final do século XIX e início do século XX. Segundo Wilhem Dilthey, o ‘homem histórico’ é um sujeito em sua totalidade humana, mergulhado em sua cultura, no seu contexto. O homem não é radicalmente estranho ao homem. Por mais diferente que o outro homem nos seja, não é um estranho no sentido em que pode sê-lo a coisa física incognoscível. O homem fornece sinais de sua própria existência na cultura em que ele está inserido. Nesses sinais podemos compreender o homem.<sup>1</sup>

Chamemos esse trabalho de “práticas culturais”. Segundo Michel de Certeau as “práticas culturais” do clero se modificaram em conformidade com as mudanças da própria Igreja Católica no mundo moderno. Isso ocorreu com a sua marginalização numa sociedade onde o cristianismo deixava de ser um quadro de referência totalizante.

Nesse mundo em que perde sua primazia, essa Igreja reage com práticas. Transforma seus membros em ‘funcionários’ a serviço dos novos desafios. Nesse sentido, esta Igreja cristã passa a ser preocupar com o “bom uso” da escritura, usando-a em atividades práticas em função de expandir a cristandade, como: missões populares, construção de novas igrejas, fundação de agremiações religiosas, a aplicação dos sacramentos, muitas pregações, promoções de celebrações e rituais de louvores a Cristo

e a Nossa Senhora da Conceição e as autoridades eclesiásticas, entre outras medidas práticas.

Certeau nos ajuda a compreender Jerônimo como um ‘agente a serviço da Igreja Católica’ em mudanças significativas no mundo em que ela perdia terreno significativo, ‘não era mais a referência totalizante’. Nesse sentido, compreendermos que ele será um ‘funcionário da Igreja’, pertencente a um grupo social da hierarquia eclesiástica do catolicismo brasileiro que se enveredava em encontrar medidas concretas em função de expandir o cristianismo católico no final do século XIX e no novo século que se iniciava. Nessa empreitada administrativa, Silva delegava função aos outros “funcionários”: aos párocos e aos sacerdotes. Também havia o interesse de chamar o ‘leigo’ nessas tarefas.

O discurso de Jerônimo está inserido na fase em que ocorreu a separação da Igreja do Estado no Brasil e onde a Cúria romana desejava ampliar seu raio de ação padronizando uma unidade da Igreja Católica no Brasil de acordo com o seu modelo de religião cristã. É na fase em que, também, essa mesma Igreja enfrentou diversos obstáculos que preferimos chamar de revezes da expansão da cristandade.

Os aspectos apontados acima nos ajudam a compreender aspectos dos textos desse ‘funcionário’ da Igreja Católica na Bahia. O texto escolhido neste trabalho é significativo porque contém a ambivalência da realidade conflitual em que Silva atuou e que viveu. No texto ele se comunica com “outros”, tomou partido, agiu conforme seus interesses. Também nele escolheu o que deveria ser dito e que não dizer. Nesse sentido, os textos são atividades práticas como as missões populares, o cumprimento dos sacramentos, as celebrações, etc. É um espaço do “sujeito histórico” que produz expressões, sinais, símbolos, mensagens, gestos, ações, posturas, normas e escolhas. Os textos têm uma estreita relação com a sociedade onde foram produzidos. Conforme Helena H. Nagamine Brandão, a linguagem é interação e não serve somente como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento. Ela é um “medium” social em que se articulam agentes coletivos e se consubstanciam relações interindividuais. É lugar de conflito e de confronto, onde o homem se faz sujeito, concreto, histórico, portador de um amplo discurso social. Portanto, não é neutra.

Entendemos o que deve ser dito e os não ditos quando mergulhamos no exame minucioso dos textos, como um detetive buscando encontrar sinais, pistas, indícios como “método indiciário” de Carlo Ginzburg.

Diante dessas observações, resta perguntarmos: Qual o interesse do primaz do Brasil em produzir um texto sobre “Jesus Cristo”, em 1898? Qual o seu entendimento sobre o que seria cristandade? Como representa a imagem de Jesus Cristo nesse texto datado de 1898? Como Jesus deveria ser louvado pelos cristãos católicos? Como aprecia a expansão e os revezes do cristianismo no século XIX, período onde ele se tornou sacerdote, bispos e arcebispo, primaz do Brasil? Qual a perspectiva sobre essa mesma expansão no século que se chegava? Quais os propósitos a serem seguidos para que a Igreja Católica no Brasil no século XX expandisse a cristandade e barrassem os seus “inimigos”?

Sua administração episcopal em Salvador durou 30 anos. Tomou posse em 28 de fevereiro de 1894 e deixou o cargo com o seu falecimento em 19 de fevereiro de 1924, como anteriormente nos referimos. O texto *Sobre a homenagem solene a Jesus Cristo Redentor e ao seu augusto Vigário na terra ao findar o século XIX e ao começar o século XX* foi inscrito em 1898, quatro anos depois da sua posse como arcebispo da Bahia. Este texto faz parte os primeiros anos da sua gestão na cúria metropolitana de Salvador. Constitui-se numa carta pastoral. Foi lida na estação da missa pelos párocos ou sacerdotes aos fieis.

*Sobre a homenagem solene a Jesus Cristo Redentor...* contém 42 páginas e está dividido em duas partes. Uma que trata da explicação sobre a homenagem solene a Jesus Cristo, incluindo o porquê dessa homenagem e quem a propõe. Outra que aponta a programação da homenagem solene a Jesus Cristo. Em todas as partes desse texto há o convite para que párocos, sacerdotes e fiéis colaborem na realização da celebração universal (de vários países) a Cristo Redentor e ao seu ‘vigário na terra’.

Na parte inicial do texto existe uma correspondência do cardeal Domingues Jacobini, presidente da comissão Internacional dessa celebração convidando Silva para fazer parte desse projeto de celebração universal em homenagem a Cristo Redentor e ao seu “vigário na terra”. A correspondência foi publicada na íntegra contendo começo,

meio e fim, incluindo saudações, local e data da sua elaboração. Silva pública na integra essa correspondência como um recurso importante na sua comunicação com o ‘leitor’, os párocos, sacerdotes e fiéis na liturgia da missa. A carta não é a ‘fala’ de qualquer um. Trata-se do presidente da comissão internacional dessa festa, nomeado pelo papa. Dessa forma, Silva procurava apoiar-se na ‘fala de autoridade’, como uma base de credibilidade para justificar a importância dessa celebração universal na arquidiocese da Bahia. É uma festa aprovada pelo papa a favor da Igreja Católica.

Devemos entender melhor a importância dessa festa para a Igreja Católica. Vejamos um trecho da carta que melhor explicita o porquê da realização dela.

*Como vedes, Irmãos e Filhos muito amados, trata-se de uma festa aprovada pelo Santo Padre, que há de ser esplendida, imensa, universal; pelo que todos devemos ativamente trabalhar para que se torne deslumbrante essa manifestação de vitalidade por parte da Igreja, que brilhará mais que nunca sobre o mundo com todo o fulgor de sua magestosa unidade, e proporcionará as nações ensejo para um verdadeiro plebiscito de fidelidade ao papa. (SILVA, 1898:2)*

Um personagem central do texto de Silva é o papa Leão XIII. Este aparecer como alguém que deve ser homenageado por uma celebração universal, que consentiu a realização dessa celebração e, por meio dessa mesma comemoração deverá ser reconhecido como a maior autoridade do mundo. Todos deveram ser fieis a essa autoridade.

Silva defende que o ‘mundo’, todas as nações, preste fidelidade ao papa Leão XIII. Essa defesa é um atestado da sintonia desse arcebispo baiano com o modelo de cristianismo católico proposto pela Cúria Romana. No final do século XIX surgia no Brasil uma corrente de eclesiásticos brasileiros em crescente aproximação com a romanização do catolicismo brasileiro. Entendemos como romanização a padronização de todas as Igrejas Católicas no mundo a partir do modelo de ser Igreja Católica da Cúria romana.

Silva deixa marcas dessa sintonia com o catolicismo romanizador em vários textos seus. Na sua primeira visita “*ad limina apostolorum*” a Roma, um ano depois de ser nomeado arcebispo do Brasil, em 1895, ele demonstrava sua obediência as diretrizes

romanas publica uma carta pastoral referindo à efemeridade das ações humanas que levam a guerra e a necessidade do mundo ter um grande árbitro. Esse árbitro seria o sumo pontífice. (SILVA, 1895: 12)

A ‘fidelidade’ ao papa é um dos principais objetivos do projeto de domínio do cristianismo católico no final do século XIX e início do século XX. A palavra “fidelidade” é bastante significativa no texto elaborado em 1898, onde homenageia Cristo Redentor e Leão XIII. A palavra ‘unidade’ é também citada nesse texto nessa mesma sintonia. A diversidade das Igrejas cristãs deveria dar lugar à junção de uma só religião comandada pela Igreja Católica Apostólica Romana. Acredita que no novo século a religião cristã católica será a única capaz de redimir o homem dos ‘males dos tempos modernos’. Ele almeja o mundo ocidental unido em torno da Igreja Católica como na Idade Média.

‘Vitalidade’ é outro termo usado nesse texto escrito em 1898. Silva diz “...pelo que todos devemos ativamente trabalhar para que se torne deslumbrante essa manifestação de vitalidade por parte da Igreja...”. Esse termo está em sintonia com a idéia de transformar os párocos, sacerdotes e fieis como funcionários a serviço da expansão dessa cristandade na direção dos interesses da Igreja Católica, como argumentamos anteriormente neste texto. Um funcionário a serviço dessa missão deveria estar desacordado, com energia para o trabalho e capaz de enfrentar a diversidade dos obstáculos. Ele pergunta “ Que coisa, na verdade, pode para mim haver mais grata e doce, nos poucos anos que me restam da vida, do que aproveitar o ensejo de empregar todas as unhas forças na glória de nosso Salvador, especialmente ao terminar o século atual”. (p.4)

A ‘vitalidade’ do funcionário da instituição ajudaria a ‘verdade divina’ triunfar, argumenta Silva. Os inimigos da religião seriam derrotados com mais homenagem a Cristo redentor e ao papa. De igual forma, fazem parte dessas ações a execução de missões populares, o cumprimento dos sacramentos, etc,

Funcionários com ‘vitalidade’ são transformados em ‘soldados’ a serviço de Cristo e da Igreja Católica, acrescenta esse arcebispo baiano. Eles estariam numa batalha, vencendo os inimigos da expansão da cristandade. O perigo estaria nas idéias e

nas ações não cristãs. Essas idéias estariam sendo propagadas pela imprensa: jornais e livros. Voltaire, por exemplo, é considerado inimigo da religião. Homens da ciência transformaram o século XIX como um ‘século criminoso’, diz Silva. Da mesma forma, pensa idéias, como o liberalismo e o comunismo. O ‘liberalismo’, por exemplo, é vista como uma corrente que dirigiu o mundo para o abismo no século XIX e encaminhará no século XX. É considerada a heresia do século XIX. “não seria um acontecimento doloroso, mas alviçareiro, a morte do liberalismo.

Idem as idéias ‘comunistas’. Para ele o comunismo “assalta pela frente e vai ganhando terreno”. (0.7). Outros termos aparecem para definir foi esse considerado criminoso. No lugar da palavra “ordem” ele prefere ‘subversão’. Em vez de “desenvolvimento”, optou por ‘decadência’. No lugar de ‘unidade’, preferiu ‘esfacelamento’. Por fim, escreve o termo “transformação” em vez de ‘tranqüilidade’.

Os inimigos aparecem sempre com forças que trazem atrasos não somente a Igreja Católica. Mas a sociedade como um todo. São vistos como corruptores da juventude, das famílias, das idéias, etc. Encontrando os inimigos da Igreja Católica, Silva consegue definir melhor o que e como deveria ser combatido.

Nesse combate contra os inimigos, o papel do Cristo Redentor ocupará posição de destaque. Cristo irá resgatar a humanidade das trevas, do poder dos inimigos. Em outras palavras: fará a redenção. Silva diz que mesmo com todo o avanço dessas idéias e o caos que arruinou o século XIX, proposto pelos inimigos, existirão pessoas honestas e laboriosas que desejarão a volta de Jesus Cristo. Em segundo lugar, chega à seguinte conclusão: O liberalismo, fazendo parte do conjunto dos inimigos da Igreja, deixou uma dura herança a liquidar: a penitência e a reparação.

Enxerga no novo ano de 1898 uma fase de muita penitência. Apela para algumas questões que levam todos refletir sobre a “culpa” de todos os transtornos. Culpas contra a justiça, contra a verdade, contra a Igreja, contra o papado, contra Deus. O pedido de ‘desculpas’ vem logo depois da ‘culpa’, argumenta o arcebispo da Bahia

A carta pastoral lida na estação da missa, dirigida para todos os fieis e aos sacerdotes, camada mais letrada da Igreja Católica na Bahia, fomentava a necessidade de mais atuação do clero na imensa arquidiocese da Bahia. Cartas pastorais como esta

acalentava os propósitos de uma Igreja Católica mais atuante na Bahia. Estimulava seus seguidores sacerdotes a ir com ele nas visitas pastorais nas regiões mais distantes da sede da Cúria baiana e, sobretudo, propor mudanças mais efetivas nas paróquias. Em tempo recentes da quebra do padroado, Silva parece chamar seu corpo sacerdotal de “soldados” de uma guerra a serviço do avanço da expansão da cristandade naquela localidade.

Durante 26 anos seguidos Silva dirigiu uma das mais extensas arquidioceses brasileiras, incluindo como parte dela, as dioceses baianas que surgiram em 1913: as dioceses de Ilhéus, Caetité, Barra e a circunscrição eclesiástica do Estado de Sergipe desmembrada em 1910, dezesseis anos do seu falecimento. Esse eclesiástico empreendeu visitas pastorais nesse seu domínio, conjuntamente com o seu secretário de visita e uma equipe de sacerdotes, segundo as normas do Vaticano I. Nenhum outro eclesiástico baiano empenhou-se tanto nessa expansão da cristandade católica na Bahia anteriormente. Nessa sua empreitada fez um balanço da situação das paróquias e empreendeu inúmeras atividades práticas visando padronizar o culto do cristianismo católico. Entre essas atividades práticas estavam: a confissão, a comunhão, o batismo e a pregação. Em todas as igrejas baianas instalaram-se uma nova devoção a Cristo Redentor via a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

As visitas pastorais na imensa dimensão arquidiocese baiana constituíram um dos aspectos mais marcantes da administração de Silva. Ele passou a ser visto como ‘bom administrador’ e um profundo conhecedor dos problemas das paróquias baianas e sergipanas. As suas visitas pastorais foram lembradas na construção de sua biografia por ocasião de suas exéquias em 20 de março de 1924. Um dos seus secretários dessas visitas, o cônego Flaviano Osório Pimentel, fez a seguinte declaração:

*sem temer as dificuldades, empreendeu o Snr. Arcebispo a visita da Arquidiocese de então, que abrangia todo o Estado da Bahia e todo o de Sergipe. Só quem conhece a superfície de nosso Estado, quem sabe as extensões imensas atrasadamente faltas de todo os confortos da civilização, poderia avaliar quanto custou ao Snr. Arcebispo Primaz cumprir esse dever imposto aos pastores de almas.*<sup>2</sup> (SILVA, 1898:14)

Pimentel deixou registrado à atuação de Silva durante os anos que ele esteve à frente da arquidiocese da Bahia. Suas atividades nos sertões da Bahia e em Sergipe

tenham tudo haver com o que ele pregava nas cartas pastorais. A Igreja Católica teria que ocupar mais espaços no limiar do novo século.

---

<sup>1</sup> Torná-lo próximo no sentido de compreendê-lo, enxergá-lo como parte de um ‘mundo’ em que ele estava humanamente inserido, em sua totalidade, como nos ensina Dilthey. Mas, ao mesmo tempo, ‘distante’ dele. Não fazemos parte do mundo de ‘pertencimento’ dele, nem no ‘tempo’ em que ele viveu. Idem ao ‘pertencimento’ da categoria social que ele fez parte, o clero. Esse ‘distanciamento’ também é importante fazer parte da pesquisa

## REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. **A Sé Primacial de Salvador. A Igreja Católica na Bahia (1551- 2001)** volume II – Período Imperial e Republicano, Petrópolis, Vozes, 2001.

BRANDÃO, Helena H. Magamine. **Introdução à análise do Discurso**. 7ª. ed. Campinas: Editora da Unicamp, s/d, p. 12 e 84.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002, 188-189.

DILTHEY, Dilthey. **Vida e poesia**. México: Fundo de Cultura Econômica, 1963

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 143-179

PIMENTEL, Flaviano Osório. **Oração fúnebre pronunciada por ocasião das exéquias do Exmo e Revmo. Sr. Dom Jerônimo Thomé da Silva**, 1924, s\ed, p.4-5.

SILVA, Jerônimo Thomé da. **Sobre a homenagem solene a Jesus Cristo Redentor e ao seu augusto Vigário na terra ao findar o século XIX e ao começar o século XX**. Salvador: Tipografia da cidade do Salvador, 1898. 42p

SILVA, Jerônimo Thomé da. **Carta Pastoral de D. Jeronimo Thomé da Silva por ocasião de seu regresso da visita “ad limina apostolorum”**, Salvador: Oficina de dois mundos, 1895.

SOUSA, Antonio Lindvaldo. Da História da Igreja à História das Religiosidades no Brasil: uma reflexão metodológica. IN: BEZERRA, Cícero Cunha (Org.) **TEMAS DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**, São Cristóvão (Se): Editora da UFS/ Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2008, 251-267

\_\_\_\_\_. **O Eclipse de um Farol: Contribuição aos Estudos sobre a Romanização da Igreja no Brasil (1911-1917)**. , São Cristóvão (Se): Editora da UFS/ Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2008.